

## O apartheid da saúde.

Alfredo Guarischi, médico. [alfredoguarischi@yahoo.com.br](mailto:alfredoguarischi@yahoo.com.br)

Publicado em 2 de setembro de 2013 – O Globo

Como médico peço desculpas aos médicos cubanos por algumas grosserias nas manifestações promovidas por alguns colegas. Voltar para senzala ou cara de empregada é ofensa e preconceito. O fígado tomou conta do cérebro. Não sou porta-voz ou representante de classe, mas me envergonho do ocorrido. Conheci as dificuldades que barreiras culturais e políticas, quando fiz pós-graduação no Canadá, mesmo estando numa situação bastante diferente dos *hermanos*. Desejo aos colegas cubanos e de outros países um bom trabalho, no povo e abandonado pelo abismo social brasileiro. Respeitem nossa constituição e se atenham a uma boa medicina. Diferente de Cuba, já temos muitos partidos políticos. Lembro que se desejarem pedir asilo político esqueçam. O atual governo brasileiro é pró-castrista.

O clima azedou pois um problema crônico transformou-se num factóide político. Após dez anos o governo descobriu que existe um Brasil sem médicos, sem esgoto e sem educação. Padilha, candidato ao governo de São Paulo, precisava de uma agenda e visibilidade. A saúde virou prioridade, esquecendo que esgoto e educação podem erradicar doenças.

Os médicos brasileiros se negam a trabalhar onde existe carência de tudo. De forma orquestrada, o governo decidiu importar médicos, que não poderão atuar em locais diferentes para os quais forem designados. Criaram dois tipos de médicos: os do Brasil abandonado e os do Brasil padrão FIFA. O exame Revalida é uma exigência de qualificação mínima e prática normal em qualquer país democrático. Por que não permitir que trabalhem nos seis hospitais de excelência privados? Estes hospitais, cinco em São Paulo, têm isenção fiscal.

A realidade é que inexistente um sistema de saúde para todos. As ilhas de excelência do SUS estão cercadas por um mar de abandono. Os hospitais universitários abandonados são obrigados a se filiar a uma empresa de terceirização. Mais de 50% dos formandos não têm vagas para residência médica, de enfermagem e de farmacêutico clínico.

É humilhante a situação de abandono imposta aos técnicos de enfermagem. Na maioria dos hospitais existe um êxodo enorme destes profissionais. Eles representam mais de 30% da força de trabalho da saúde. Trabalham em média 36 horas seguidas, em três empregos, folgando no máximo três noites, incluindo os fins de semana. Muitos desistem da profissão em poucos anos. São verdadeiros heróis. Desafio me desmentirem.

Os brasileiros que têm planos privados- 35% - mendigam locais para atendimento.

Estamos vivendo o apartheid da saúde.